

10 De vespas e WASPs*

“Ele está proferindo o insulto do século contra nossas mães, esposas, filhas e irmãs, sob o pretexto de estar oferecendo uma grande contribuição para a pesquisa científica.” Foi assim que Louis B. Heller, congressista por Nova York, rotulou o relatório Kinsey sobre o *Comportamento sexual da mulher* (1953) em uma carta ao diretor-geral dos Correios, exigindo que o livro fosse banido das malas postais. O dr. Henry Van Dusen, presidente do Union Theological Seminary, duvidou dos fatos apresentados por Kinsey, mas proclamou que se, não obstante, eles fossem verdadeiros, “revelam uma degradação vigente na moralidade americana que se aproxima da pior decadência do império romano”. “O mais perturbador”, prosseguiu Van Dusen na sua dura crítica ao relatório Kinsey, “é a ausência de uma repulsa ética, espontânea, pelas premissas do estudo.”

No entanto, as premissas pareciam bastante simples. Kinsey havia procurado, através de extensas entrevistas com mais de 5.000 mulheres, compilar um registro estatístico do que as pessoas realmente fazem, em vez do que a lei e o costume dizem que elas deveriam fazer. Ele não emitiu nenhum julgamento — apenas relatou suas descobertas; no entanto, ele, sem dúvida, descobriu uma frequência de relações sexuais pré-matrimoniais e extracônjugais que, no mínimo, perturbava o código cavalheiresco de muitas pessoas ingênuas, hipócritas ou presunçosamente satisfeitas consigo mesmas — sobretudo os homens mais velhos no poder.

Alfred C. Kinsey sofreu o infortúnio de publicar seu relatório em 1953, quando os Estados Unidos viviam o auge da histeria macartista (o relatório anterior, de 1948, sobre o *Comportamento sexual do homem* causara sensação, mas não havia inspirado tamanha calúnia, talvez porque a sociedade sempre tenha aceitado uma amplitude maior de comportamentos entre os homens, e porque o clima político dos primeiros anos do pós-guerra tenha sido mais liberal). Muitos rotularam o relatório Kinsey sobre a sexualidade feminina como um exercício de comunismo ou, se não diretamente subversivo, enfraquecedor para a fibra moral americana num grau suficiente para facilitar o acesso

* A grafia de vespa (*wasps*) é igual à de WASP, abreviatura de *White Anglo-Saxon Protestant* (Protestante anglo-saxão branco), usada para se designar a maioria dominante nos Estados Unidos. (N.T.)

comunista às nossas perturbadas praias. Uma comissão especial do Congresso, estabelecida para investigar o uso de fundos da parte de fundações isentas de impostos, repreendeu a Fundação Rockefeller. A fundação capitulou diante dessas e de outras pressões, e a principal fonte de patrocínio de Kinsey cessou abruptamente em 1954. A Comissão Reece emitiu seu relatório majoritário em dezembro de 1954, acusando algumas fundações de usar verbas isentas de impostos em estudos que "apoiavam diretamente a subversão". Os relatórios Kinsey foram citados explicitamente como indignos da ajuda recebida. Kinsey nunca encontrou uma fonte alternativa de patrocínio; morreu dois anos depois, sobrecarregado de trabalho, irritado, e angustiado com a perspectiva de que dados adicionais, resultantes de anos de pesquisas, talvez nunca viessem a ser publicados (o financiamento foi renovado mais tarde, mas não a tempo de fazer justiça a Kinsey pessoalmente).

Kinsey não batalhou a vida inteira pelo esclarecimento sexual. Ele se deixou levar para o campo da pesquisa sobre a sexualidade quase que por acidente (embora não sem um interesse anterior). Fora treinado como entomologista e era, na época da mudança de carreira, um dos mais importantes taxonomistas de vespas (de seis pernas, não de duas) dos Estados Unidos. Pouco depois da mudança, ele iniciou uma palestra Phi Beta Kappa na Universidade de Indiana com estas palavras:

Ocupei-me com a variação individual como fenômeno biológico durante uns vinte anos de exploração de campo e pesquisa de laboratório. Na avaliação intensa e extensa de dezenas de milhares de pequenos insetos que vocês provavelmente nunca viram e nos quais provavelmente não estão interessados, tentei obter os dados específicos e a quantidade de dados sobre os quais deve se fundamentar o trabalho científico. Durante os dois últimos anos, como resultado de uma convergência de interesses, vi-me confrontado com material sobre variação em certos tipos de comportamento humano.

A maioria das pessoas, ao tomar conhecimento da carreira anterior de Kinsey, tende a considerar a descoberta com uma surpresa divertida. Que coisa mais estranha, um homem que mais tarde sacudiria os Estados Unidos ter gasto a maior parte de sua carreira profissional com a taxonomia de insetos minúsculos. Certamente não pode haver relação alguma entre duas carreiras tão diversas. Como escreveu um

gaiato na página de rosto da única cópia de Harvard da maior monografia de Kinsey sobre vespas: "Por que você não escreve sobre algo mais interessante, Al?"

Quero afirmar, porém, que as vespas e os WASPs de Kinsey estavam intimamente relacionados pela abordagem intelectual que ele usou para ambos. E como as vespas precederam os WASPs, a carreira de taxonomista de Kinsey teve um impacto direto e profundo sobre as suas pesquisas a respeito da sexualidade. Na verdade, Kinsey empreendeu as suas pesquisas sobre sexualidade seguindo um "modo de pensamento taxonômico" particular, um estilo válido de ciência que não se assemelha à maioria dos estereótipos do empreendimento. O caráter especial da obra de Kinsey — os aspectos que lhe trouxeram tanta fama e tantos problemas — fluiu diretamente da abordagem taxonômica que ele aprendera e aperfeiçoara como entomologista.

Além das conclusões específicas que tanto chocaram os Estados Unidos — basicamente, a grande frequência de coisas que pessoas decentes não fazem, como homossexualismo, relações sexuais pré-conjugais e extramatrimoniais entre mulheres, a grande frequência de contato sexual com animais entre homens criados em fazendas —, Kinsey sacudiu o mundo com seu processo de abordagem da pesquisa sobre sexualidade. Ele trabalhou com três premissas básicas, todas diretamente provenientes de sua perspectiva taxonômica. A primeira, que fundamentaria suas conclusões em amostragens bem maiores do que as colhidas por qualquer pesquisador anterior. Bastava de extrapolações para toda a humanidade a partir de uma população pequena e homogênea de universitários. A segunda, sua amostragem seria heterogênea — velhos e jovens, campo e cidade, pobres e ricos, analfabetos e indivíduos com formação superior. Assim como as vespas variavam de árvore para árvore, as classes, os sexos e as gerações podiam diferir amplamente no comportamento sexual. A terceira, ele não emitiria quaisquer julgamentos, limitando-se apenas a descrever o que as pessoas faziam.

Kinsey fez o doutorado em entomologia em Harvard, e então aceitou um posto de professor assistente de zoologia na Universidade de Indiana, onde permaneceu toda a sua vida. Gastou os primeiros vinte anos de sua carreira num estudo, conduzido com uma minúcia sem precedentes, sobre a taxonomia, a evolução e a biogeografia das vespas formadoras de galhas do gênero *Cynips*. Essas pequenas vespas põem seus ovos nos tecidos de plantas (geralmente folhas ou caules de carvalho). Quando as larvas nascem, elas induzem a planta a formar uma galha ao redor delas, assegurando desse modo proteção e uma

fonte de alimento. As larvas amadurecem dentro das galhas, emergindo por fim como insetos alados, para reiniciar o processo. Kinsey apresentou seu trabalho sobre o gênero *Cynips* numa quantidade de dissertações menores e em duas grandes monografias, *The Gall Wasp Genus Cynips: A Study in the Origin of Species* (1930) [*A vespa das galhas do gênero Cynips: um estudo sobre a origem das espécies*] e *The Origin of Higher Categories in Cynips* (1936) [*A origem de categorias superiores no gênero Cynips*] — ver Bibliografia.

Em 1938, em resposta a pedidos de estudantes, a universidade instituiu um curso, sem atribuição de créditos, sobre casamento (um feminismo acho eu, para educação sexual). Pediram a Kinsey, que planejara passar o resto da vida estudando vespas, que servisse como presidente da comissão para regular o curso e que desse três aulas sobre a biologia do sexo. Kinsey era escrupuloso e empírico ao extremo. Foi à biblioteca procurar as informações necessárias sobre a resposta sexual humana — e não conseguiu. Então decidiu que ele mesmo teria de compilá-las. Começou entrevistando estudantes, mas logo percebeu que não estava conseguindo informações representativas da heterogeneidade americana. Passou a viajar nos finais de semana, colhendo informações em cidades próximas às suas próprias custas. Desenvolveu um amplo roteiro para as entrevistas e escreveu as respostas em código a fim de assegurar o anonimato (a habilidade intuitiva de Kinsey como entrevistador tornou-se lendária). Registrou uma variação enorme de comportamento sexual entre pessoas de diferentes condições econômicas, estendendo suas pesquisas a Gary, Chicago, Saint Louis e a prisões de Indiana. À medida que seu trabalho se tornava mais público, as críticas aumentaram, mas a universidade manteve-se firme em seu apoio ao direito de saber de Kinsey.

Por fim, com o respaldo da universidade, ele estabeleceu o Instituto de pesquisa sexual e obteve dinheiro da Fundação Rockefeller para as crescentes entrevistas e a sua publicação. O trabalho culminou em dois grandes volumes, *Comportamento sexual do homem* e *Comportamento sexual da mulher*, cada um deles fundamentado em mais de 5.000 entrevistas com americanos brancos dos mais diversificados antecedentes. (Fiel às suas convicções sobre o caráter fundamental da variabilidade, Kinsey sabia que não dispunha de dados suficientes para obter conclusões sobre americanos negros ou para fazer extrapolações para outras nações e culturas.) Bem antes que surgissem esses volumes, com muita relutância e tristeza, mas com uma inevitabilidade progressiva, Kinsey abandonara os estudos sobre vespas que tanto prazer tinham lhe dado e que haviam estabelecido seus padrões de trabalho científico.

Embora Kinsey tenha limitado seus trabalhos principais sobre vespas a uma única família, a Cynipidae, seus objetivos eram amplos como a própria história natural. Ele pensou profundamente sobre a prática e o significado da classificação e tinha esperanças de reformular os princípios da taxonomia. Em 1927, escreveu:

A partir do nosso trabalho com Cynipidae, em conexão com um estudo da obra publicada em outros campos da taxonomia, proponho uma tentativa de formulação da filosofia da taxonomia, da sua utilidade como meio de retratar e explicar as espécies tal como existem na natureza, e da sua importância na coordenação e elucidação de dados biológicos.

Kinsey sentiu que poderia alcançar esses objetivos maiores executando um estudo específico sem precedentes, com uma riqueza tal de detalhes concretos que os princípios maiores surgiriam do próprio volume de informações. Kinsey revelou-se um viciado em trabalho antes mesmo que se falasse nisso. Durante uma viagem de estudos que lhe foi financiada, em 1919-1920, ele percorreu 18.000 milhas (2.500 a pé) em regiões do sul e do oeste dos Estados Unidos, e coletou por volta de 300.000 espécimes de vespas das galhas. Suas duas viagens a zonas rurais do México e da América Central foram monumentos ao seu esforço insaciável. Na monografia de 1936, ele lamentava que, para cada uma das suas 165 espécies, havia coletado, em média, “apenas” 214 insetos e 755 galhas. Para 51 dessas espécies (grupos variáveis em regiões de topografia uniforme), ele declarava que não se daria por satisfeito antes de colher um total geral de 1.530.000 insetos e de 3 a 4 milhões de galhas!

Havia mais do que simples mania de coleta nos desejos expressados por Kinsey e em seus esforços concretos. Um estatístico moderno poderia muito bem argumentar que Kinsey tinha uma avaliação inadequada da teoria de amostragem; na verdade, não é preciso colher tudo. Ainda assim, Kinsey prosseguiu com sua copiosa coleta porque operava e centrava suas crenças biológicas sobre um princípio cardeal: a primazia e a irredutibilidade da variação.

Ironicamente, boa parte da prática taxonômica não havia de todo assimilado essa mudança fundamental introduzida na biologia pela teoria da evolução. Muitos taxonomistas ainda viam o mundo como uma série de escaninhos, cada um abrigando uma espécie. As espécies, neste parecer, deviam ser definidas pelas suas “essências” — características fundamentais separando-as de todas as outras. A variação era considerada, na melhor das hipóteses, como um “ruído” —

um tipo de espalhamento accidental ao redor da forma essencial, servindo apenas para criar confusão na hora de distribuir os escaminhos. A maioria dos taxonomistas clássicos tratava a variação como um mal necessário e muitas vezes estabeleciam espécies depois de estudar apenas alguns poucos espécimes.

Os taxonomistas como Kinsey, que compreendiam as implicações plenas da teoria da evolução, desenvolveram uma atitude radicalmente diversa para com a variação. Existem ilhas de forma, é claro: os felinos não fluem juntos num mar de continuidade, mas apresentam-se a nós, mais exatamente, como leões, tigres, lincês, gatos e assim por diante. Ainda assim, embora as espécies possam ser distintas, elas não possuem nenhuma essência imutável. A variação é a matéria-prima da mudança evolutiva. Ela representa a realidade fundamental da natureza, não um acidente sobre uma norma criada. A variação é primária; as essências são ilusórias. As espécies devem ser definidas como amplitudes de variação irreduzível.

Este modo antiessencialista de pensar tem profundas consequências na nossa visão básica da realidade. Desde que Platão lançou sombras na parede da caverna, o essencialismo domina o pensamento ocidental, encorajando-nos a negligenciar as continuidades e a dividir a realidade num conjunto de categorias corretas e imutáveis. O essencialismo estabelece critérios de julgamento e valor: objetos individuais próximos de sua essência são bons; os que se afastam dela são ruins, quando não irreais.

O pensamento antiessencialista força-nos a ver o mundo de modo diferente. Devemos aceitar nuances e continuidades como fundamentais. Perdemos os critérios de julgamento baseados na comparação com algum ideal: pessoas baixas, pessoas retardadas, pessoas de outras crenças, cores e religiões são pessoas em sentido pleno. O taxonomista essencialista cava um punhado de caramujos fósseis de uma única espécie, tenta abstrair uma essência e classifica os caramujos por meio de sua correspondência com a média obtida. O antiessencialista vê algo inteiramente diverso em suas mãos — uma amplitude de variação irreduzível que define a espécie, algumas variantes mais frequentes do que outras, mas todos caramujos perfeitamente bons. Ernst Mayr, nosso principal teórico de taxonomia, escreveu larga e aprimoradamente sobre a diferença entre o essencialismo e a variação como realidade última (“pensamento em termos de população” [*population thinking*] na sua terminologia — ver seu recente livro, *The Growth of Biological Thought*).

Kinsey, que compreendia tão bem as implicações da teoria da evolução, era um antiessencialista radical em taxonomia. Sua crença na primazia da variação incitou um esforço quase frenético para coletar sempre mais espécimes. Sua crença em continuidades forçou-o a explorar virtualmente cada centímetro quadrado de território apropriado para as *Cynips* na América do Norte — pois sempre que encontrava grandes lacunas, ele tinha fortes suspeitas (em geral corretas) de que formas intermediárias seriam encontradas em alguma área geograficamente contígua.

No fim, o antiessencialismo de Kinsey tornou-se quase que excessivamente radical. Ele estava tão convencido de que as espécies se convertiam gradualmente em outras, que passou a nomear variantes geográficas intermediárias legítimas dentro de uma única espécie como entidades separadas, estabelecendo uma taxonomia intumescida, com nomes completos para variantes locais transitórias e menores. (Kinsey decidiu que as espécies surgiam por meio da disseminação nas populações locais de mutações distintas com efeitos pequenos. Assim, sempre que encontrava uma população local diferindo de outras por mutações do tipo produzido em animais de laboratório, ele estabelecia uma nova espécie. Mas as populações locais dentro de uma espécie muitas vezes estabelecem pequenas mutações sem perder seu vínculo central com o resto da espécie — a capacidade de se cruzarem entre si.)

Mais importante para a história social americana, Kinsey transportou integralmente para as suas pesquisas sexuais o antiessencialismo radical de seus estudos entomológicos. Os vinte anos de Kinsey com as *Cynips* não podem ser julgados como uma distração inútil quando comparados com a fonte posterior de sua fama. Mais exatamente, o trabalho com vespas de Kinsey estabeleceu a metodologia e os princípios de raciocínio que fizeram dele um pioneiro na pesquisa da sexualidade.

Não estou simplesmente fazendo inferências eruditas sobre continuidades que o mestre do antiessencialismo não reconhecia. Kinsey sabia muito bem o que estava fazendo. Ele não se arrependeu por nenhum momento gasto com vespas, não só porque ele as adorava, mas também porque o estudo a respeito delas havia estabelecido os seus conceitos intelectuais. No primeiro capítulo de seu primeiro tratado sobre o *Comportamento sexual do homem*, Kinsey incluiu uma notável seção sobre “a abordagem taxonômica”, com dois subtítulos, “na biologia”, seguido pela transferência explícita, “nas ciências aplicadas e sociais”. Kinsey escreveu:

As técnicas desta pesquisa foram taxonômicas, no sentido em que os biólogos modernos empregam o termo. Ela nasceu da longa experiência do autor principal com um problema de taxonomia de insetos. A transferência de material, de insetos para humanos, não é ilógica, pois foi uma transferência de um método que pode ser aplicado ao estudo de qualquer população variável.

A amostragem ampla foi a marca registrada da obra de Kinsey. A maioria dos primeiros estudos sobre o comportamento sexual humano havia ou confinado o relatório a casos incomuns (a *Psychopathia Sexualis* de Krafft-Ebings, por exemplo) ou feito generalizações a partir de amostragens pequenas e homogêneas. Se Kinsey tivera esperanças de obter milhões de vespas e galhas, ele entrevistaria, pelo menos, vários milhares de pessoas. Ele sabia que precisava de quantidades assim grandes porque sua perspectiva antiessencialista proclamava duas verdades sobre a variação, igualmente válidas para vespas e pessoas — populações aparentemente homogêneas em um lugar (todos os universitários de Indiana, ou todos os assassinos de Alcatraz) exibiriam uma enorme amplitude de variação irredutível, e populações locais distintas em lugares diferentes (mulheres mais velhas da classe média em Illinois, ou rapazes pobres em Nova York) iriam diferir amplamente em comportamentos sexuais médios. (Os biólogos referem-se a esses dois tipos de variação como intrapopulacional [*within-population*] e interpopulacional [*between-population*].) Kinsey decidiu que teria de colher amostras de vários grupos diferentes e em grandes quantidades dentro de cada grupo. No primeiro parágrafo de seu tratado sobre os homens ele escreveu:

Trata-se de um levantamento em busca de fatos no qual se tenta descobrir o que as pessoas fazem no que diz respeito à atividade sexual, e quais fatores explicam as diferenças de comportamento sexual entre os indivíduos e entre os vários segmentos da população.

Na seção sobre “a abordagem taxonômica em biologia” ele explicou por que sua experiência com vespas havia estabelecido seus métodos para humanos:

A taxonomia moderna é o produto de uma consciência crescente entre os biólogos da singularidade de cada indivíduo, e da grande amplitude de variação que pode ocorrer em qualquer população de indivíduos. O taxonomista, portanto, ocupa-se principalmente com a medida da variação.

A crença de Kinsey na primazia da variação e da diversidade tornou-se uma cruzada. Sua palestra Phi Beta Kappa, “Indivíduos”, tinha como foco a “não-identidade ilimitada” entre os organismos de qualquer população e criticava duramente tanto os cientistas biológicos quanto os sociais por tirarem conclusões gerais a partir de amostragens pequenas e relativamente homogêneas. Por exemplo:

Um camundongo num labirinto, hoje, é tomado como uma amostra de todos os indivíduos, de todas as espécies de camundongos sob todos os tipos de condições, ontem, hoje e amanhã. Meia dúzia de cães, de *pedigrees* desconhecidos e raças sem nome, são descritos como “cães” — significando todos os tipos de cães — se, na verdade, as conclusões não forem explícitas ou pelo menos implicitamente aplicadas a você, seus primos e a todos os outros tipos e descrições de humanos... Um famoso químico americano de colômbias estremece o país com o anúncio de uma nova cura para viciados em drogas; e só depois que outros laboratórios relatam seu fracasso na obtenção de resultados similares é que ficamos sabendo que os experimentos originais foram baseados em meia dúzia de indivíduos.

Como segunda transferência importante do seu antiessencialismo baseado na entomologia, Kinsey enfatizou repetidamente a impossibilidade de se classificar a resposta sexual humana colocando as pessoas em categorias rigidamente definidas. Assim como as suas vespas formavam cadeias de continuidade de uma espécie para outra, a resposta sexual humana podia ser fluida, mutável e desprovida de fronteiras rígidas. Da homossexualidade masculina, ele escreveu:

Os homens não representam duas categorias distintas, heterossexuais e homossexuais. O mundo não deve ser dividido em carneiros e bodes. Nem todas as coisas são negras, nem todas as coisas são brancas. É um princípio fundamental da taxonomia o fato de que a natureza raramente lida com categorias distintas. Apenas a mente humana inventa categorias e tenta forçar fatos em nichos separados. O mundo vivo é uma continuidade em todo e cada um de seus aspectos. Quanto mais cedo tomarmos conhecimento disso, no tocante ao comportamento sexual humano, mais cedo alcançaremos uma compreensão sólida das realidades da sexualidade.

A terceira transferência — a que por fim trouxe tantos problemas a Kinsey — levantava a polêmica questão do julgamento. Se a variação é primária, abundante, e irredutível, e se as espécies não possuem essências, então que critério “natural” de julgamento podemos desco-

brir? Uma variante singular é um membro de sua espécie tanto quanto um indivíduo médio. Mesmo que os indivíduos médios sejam mais comuns que os organismos peculiares, quem pode identificar um ou outro como "melhor" — pois as espécies não possuem nenhuma forma "certa" definida por uma essência imutável? Kinsey escreveu em "Indivíduos", mais uma vez tornando explícita sua referência a vespas:

Prescrições são meramente confissões públicas de prescritores. ... O que é certo para um indivíduo pode ser errado para outro; e o que é pecado e abominação para um indivíduo pode ser uma parte valiosa da vida de outro. A amplitude de variação individual, em qualquer caso particular, é habitualmente bem maior do que geralmente se compreende. Alguns dos caracteres estruturais dos meus insetos variam em até mil e duzentos por cento. Isso significa que populações de uma única localidade podem conter indivíduos com asas de 15 unidades de comprimento, e outros indivíduos com asas de 175 unidades de comprimento. Em alguns dos caracteres morfológicos e fisiológicos que são fundamentais no comportamento humano que estou estudando, a variação é de uns bons doze mil por cento. No entanto, as fórmulas sociais e os códigos morais são prescritos como se todos os indivíduos fossem idênticos; e emitimos julgamentos, damos prêmios, e empilhamos castigos, sem levar em consideração as diversas dificuldades envolvidas quando pessoas tão diferentes têm de enfrentar exigências uniformes.

Em seus dois extensos relatórios, Kinsey afirmou repetidamente que se limitara apenas a registrar os fatos do comportamento sexual sem emitir ou mesmo insinuar julgamentos. No prefácio do seu relatório sobre homens, ele escreveu:

Há algum tempo vem surgindo uma consciência crescente entre várias pessoas da necessidade de se obter dados a respeito da sexualidade que representariam um acúmulo de fatos científicos completamente divorciado de questões de valor moral e de costume social.

Seus críticos retrucaram argumentando que uma ausência de julgamento no contexto de um registro tão extenso é, ela própria, uma forma de julgamento. Acho que eu teria de concordar. Não vejo nenhuma possibilidade de uma ciência social completamente "livre de valores". Kinsey pode ter negado nos próprios relatórios, mas a declaração recém-citada do seu ensaio de 1939 deixa bem clara a sua convicção de que atitudes de não-julgamento são moralmente preferíveis — e a própria crença na primazia da variação tem implicações evidentes. Pode-se desprezar o que a natureza oferece como fundamen-

tal? (É claro que sim, mas poucas pessoas apoiarão uma ética que rejeita a vida e o mundo tal como inevitavelmente os encontramos.)

De qualquer modo, qual é a alternativa? Não devemos compilar os dados concretos do comportamento sexual humano? Ou as pessoas que levam a cabo tal estudo devem salpicar cada descoberta com pitadas de avaliação irrelevante do seu valor moral a partir dos próprios pontos de vista? Seria mesmo muita arrogância. Contudo, devo confessar por fim que minha aprovação de Kinsey e minha forte atração por ele devem-se aos valores que compartilhamos. Eu também sou um taxonomista.

No começo de *The Grapes of Wrath (As vinhas da ira)*, quando Tom Joad vai para casa após cumprir pena na prisão, ele encontra Casy, seu antigo pregador. Casy explica que não preside mais cultos porque não podia reconciliar seu comportamento sexual (muitas vezes inspirado pelo fervor do próprio culto) com o conteúdo de suas pregações:

Eu disse, "Vai ver que não é pecado. Vai ver que as pessoas são assim mesmo." ... Bem, eu tava debaixo de uma árvore quando descobri isso, e eu dormi. E anoiteceu, e tava escuro quando eu acordei. Tinha um coite uivando por perto. Antes que eu percebesse, eu tava falando alto... "Não tem pecado e não tem virtude. Só tem as coisas que as pessoas fazem. ... E algumas das coisas que as pessoas fazem são boas, e outras não são boas, mas é só isso que um homem tem o direito de dizer."